



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

NAYARA KELLY ALVES E SILVA

**A IMPORTÂNCIA DAS FUNÇÕES PARENTAIS NA
CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE
NA TEORIA WINNICOTTIANA**

Brasília
2017

NAYARA KELLY ALVES E SILVA

**A IMPORTÂNCIA DAS FUNÇÕES PARENTAIS NA
CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE
NA TEORIA WINNICOTTIANA**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília
(UniCEUB/ICPD) como pré-requisito
para obtenção de Certificado de
Conclusão de Curso de Pós-graduação
Lato Sensu em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Professora. Dr^a. Dione
Zavaroni

Brasília
2017

NAYARA KELLY ALVES E SILVA

**A IMPORTÂNCIA DAS FUNÇÕES PARENTAIS NA
CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE
NA TEORIA WINNICOTTIANA**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília
(UniCEUB/ICPD) como pré-requisito
para obtenção de Certificado de
Conclusão de Curso de Pós-graduação
Lato Sensu em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Professora. Dr^a. Dione
Zavaroni

Brasília, ____ de _____ de 2017.

Banca Examinadora

Prof. Gilson Ciarallo

Prof. Dra. Livia Milhomem Januário

“O objetivo da criação dos filhos não é apenas o de produzir crianças saudáveis, mas também o de permitir o desenvolvimento posterior de um adulto saudável. O inverso dessa afirmação é o que me preocupa aqui, a saber, o fato de que a saúde do adulto é construída ao longo dos vários estágios da infância” Winnicott (1952. Psicoses e cuidados maternos).

RESUMO

O presente trabalho aborda a importância das funções materna e paterna na construção da subjetividade, a partir das contribuições de Winnicott. Propõe-se compreender as fases do desenvolvimento infantil, a importância do ambiente-indivíduo, além das funções de pais suficientemente bons que permitem à criança desenvolver seu verdadeiro *self*. São abordadas as funções maternas de holding, handling e apresentação de objetos e as funções paternas de ambiente indestrutível, espelho de integração, terceiro e objeto total, além, da importância na defesa dos instintos destrutivos da criança. Ambas as funções cooperam para o amadurecimento psíquico da criança e permitem que ela consiga transitar com segurança entre o mundo interno e externo

Palavras-chave: Função materna. Função paterna. Desenvolvimento emocional Infantil. Psicanálise. Winnicott

ABSTRACT

The present paper addresses the importance of maternal and paternal functions in the construction of subjectivity, based on the contributions of Winnicott. It is proposed to understand the phases of child development, the importance of the environment-individual, as well as the functions of parents good enough that allow the child to develop his true self. The maternal functions of holding, handling and presentation of objects and the paternal functions of indistinct environment, mirror of integration, third and total object, besides the importance in the defense of the destructive instincts of the child will be approached. Both functions cooperate for the psychic maturity of the child and allow it to be able to safely travel between the inner and outer world

Keywords: Maternal function. Parental function. Child emotional development. Psychoanalysis. Winnicott

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - FASES DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL.....	10
1.1. Fase de dependência absoluta	11
1.2. Fase de dependência relativa.....	12
1.3. Fase de adaptação relativa – rumo à independência	14
CAPÍTULO 2 - FUNÇÃO MATERNA.....	16
2.1. Importância do ambiente-indivíduo	16
2.2. Loucura materna: preocupação materna primária	16
2.3. Mãe suficientemente boa: funções	18
2.3.1. <i>Holding</i>	18
2.3.2. <i>Handling</i>	19
2.3.3. Apresentação de objetos	20
2.4. Função materna: a ilusão e desilusão da onipotência do bebê	21
2.4.1. Desilusão e transicionalidade	22
2.5. Função materna: permitir o desenvolvimento do verdadeiro self	24
CAPÍTULO 3 - FUNÇÃO PATERNA	27
3.1. O ambiente indestrutível	27
3.2. Espelho de sua própria integração.....	28
3.3. Terceiro e Objeto Total	29
3.4. Importância na defesa dos instintos destrutivos	30
3.5. O triângulo amoroso	31
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A Psicanálise, desde os primeiros estudos de Freud acerca da estruturação do inconsciente e sexualidade infantil, deu especial ênfase aos registros psíquicos experimentados na infância como bases emocionais da vida adulta. Não há dúvida acerca da importância desta fase, em especial, ao adoecer psíquico. Busca-se, contudo, nesse trabalho ampliar a discussão psicanalítica para além do adoecimento e da relação mãe-bebê, tão abordada pela literatura, enfocando também na importância da função paterna na construção da relação emocional primitiva saudável, que em conjunto com a função materna, auxilia o vir-a-ser da criança em toda sua potencialidade criativa.

Todo humano nasce incompleto com funções motoras desorganizadas, dependente de cuidados para satisfação de todas suas necessidades como alimentação, bem estar físico e, principalmente, para comunicar-se com o mundo. Não há dúvidas acerca da dependência absoluta que cada bebê possui do outro para sua própria sobrevivência, somos seres sociais desde o nascimento. Os pais¹, em geral, são os responsáveis pelo cuidado e pelo atendimento das necessidades desse novo frágil ser, que ocorre não apenas com a satisfação de necessidades físicas, mas com a exteriorização de afeto, amor e investimento psíquico, viabilizando nesse novo sujeito o acontecer psíquico.

O nascimento de um bebê desencadeia inúmeras expectativas no grupo familiar com todas as fantasias, projeções e história transgeracional, em especial de seus pais. É esse espaço no discurso dos pais que proporcionará ao novo ser a antecipação de seu lugar na linguagem, antes mesmo dele existir no mundo. Em outras palavras, o lugar no desejo dos pais dá existência psíquica ao bebê que chega.

Com a rotina de cuidados como alimentação, aquecimento, aconchego, manipulação e conforto, o bebê vai desenvolvendo suas capacidades motoras em conjunto com a satisfação de suas pulsões, até então desorganizadas.

¹ No presente trabalho as palavras “pai” e “mãe” significam respectivamente função paterna e função materna, uma vez, que essas funções podem ser exercitadas por outras pessoas além das figuras parentais biológicas. Importa destacar que na literatura de Winnicott o termo pai e mãe muitas vezes se refere ao ambiente-indivíduo facilitador.

Uma das primeiras experiências de satisfação ocorre no seio (ou seu substituto) onde o bebê experimenta, apoiado no prazer de satisfação da fome, o afeto proporcionado pelo aconchego e segurança.

A mãe passa a ocupar espaço central da vida psíquica do bebê, uma vez que ela precisa, além de antecipar os desejos do bebê, interpretá-los, ou seja, ela dá nome ao que seriam apenas sensações corpóreas, funcionando como verdadeiro ego auxiliar. A díade mãe-bebê se mostra vital para a estruturação psíquica e, no primeiro momento, o olhar de investimento narcísico da mãe operará como verdadeiro espelho para que o novo ser reconheça sua existência, bem como a existência de um outro indivíduo.

O pai, por sua vez, tem papel essencial no processo de desilusão no imaginário do bebê de que ele e a mãe são um só. A função paterna é primordial no desdobramento da relação da díade mãe-bebê e proporciona a este o espaço necessário para que reconheça a realidade e o mundo. O pai se apresenta como diagrama de integração ao bebê, primeiro lampejo de um objeto total, além de função primordial na fase edípica.

Pretende-se com o presente trabalho analisar como as funções parentais são vitais para o acontecer psíquico saudável e como essas figuras representam verdadeiros portais de estruturação psíquica que acompanharão o sujeito por toda a vida. Além de compreender os efeitos na personalidade quando essas funções são suficientemente boas.

Para alcançar esses objetivos utilizou-se a literatura de Winnicott, com sua inegável contribuição para a análise da relação mãe-bebê, ambiente-indivíduo, além das fases do desenvolvimento psíquico infantil. Winnicott também se dedicou ao estudo da função paterna, embora mais timidamente, muito fruto de sua época, década de 60, em que as mães eram as cuidadoras quase que exclusivas de seus bebês. Com a mudança das famílias ao longo do tempo, resta inegável trazer à discussão a importância para a saúde psíquica da função paterna nas primeiras relações experimentadas na infância.

O presente trabalho foi então estruturado em três capítulos além da conclusão. No primeiro capítulo, apresentam-se as fases do desenvolvimento emocional; o segundo capítulo proporciona uma análise sobre a importância da figura materna; e no último capítulo, apresenta-se a importância da função paterna no desenvolvimento do bebê.

CAPÍTULO 1- FASES DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

O ser humano não nasce pronto, nasce sem coordenação motora e totalmente dependente de outro ser nos seus primeiros anos de vida. Além da necessidade de sobrevivência que, sem dúvida, se apresenta como o alicerce real sob o qual se apoia a relação primordial, sempre necessitaremos dos outros sob o viés do amor.

Assim, a realidade do ser humano, necessariamente, passa a ser intermediada pelo outro, mediante uma relação especular. Inclusive o reconhecimento de si mesmo como ser individual e apartado do mundo em sua individualidade é precedido pelo outro.

Winnicott entende que um dos fatores mais determinantes do desenvolvimento emocional do bebê é a realidade da sua dependência em relação a seu ambiente. O autor afirma que “a dependência é real. O fato de os bebês e crianças maiores não poderem consigo mesmos é tão óbvio que as evidências tão simples da dependência são facilmente esquecidas” (WINNICOTT, 1970, p. 83).

As fases de desenvolvimento de dependência são tão cruciais na literatura winnicottiana que o autor registrou que metade da teoria da relação parento-infantil se refere às fases de dependência, a outra se refere ao cuidado materno e as mudanças que a mãe sofre. Destacou o citado autor que (WINNICOTT, 1960, p. 42):

uma metade da teoria da relação parento-infantil diz respeito ao bebê, sendo a teoria da passagem empreendida por este através da dependência absoluta, da dependência relativa, da independência e, paralelamente, da passagem que ele faz do princípio do prazer ao princípio da realidade, e do autoerotismo às relações de objeto.

A teoria winnicottiana propõe duas fases iniciais importantes do desenvolvimento psíquico: fase de dependência absoluta, que se situa entre o nascimento até seis meses de vida; fase de relativa dependência, que se situa entre seis meses a dois anos de idade. Assim, uma relação bem sucedida nesses primeiros estágios, num ambiente suficientemente bom, o levará ao

estágio de maturidade (também chamado de estágio de “rumo à independência”).

Cumprе ressaltar que, em determinados períodos, o indivíduo adulto pode sucumbir a estágios anteriores, típica regressão, como num período de doença ou por meio da transferência num processo psicanalítico.

Contudo, o desenvolvimento emocional do indivíduo tende à maturidade, embora, o próprio nome da fase deixe claro que ninguém alcança independência absoluta e nem seria desejável, afinal um ego rigidamente autônomo pode encontrar dificuldade em se relacionar de maneira saudável com os outros. Não é demais destacar que somos seres sociais e o processo de amadurecimento natural do vir-a-ser visa a interdependência das relações durante a vida.

1.1. Fase de dependência absoluta

A dependência do bebê foi definida por Winnicott como absoluta, pois nessa fase o bebê não sobreviveria sem os cuidados de outro indivíduo. Contudo, esse estado de dependência não é conhecido pelo bebê, uma vez que a percepção de sua própria existência, da mãe ou da realidade estão fundidas. Assim, para o bebê sua mãe é ele próprio e ao receber o que precisa ele crê que isso aconteceu por ser ele Deus e, assim, passa pela experiência de onipotência (ABRAM, 2000).

Winnicott descreve que essas primeiras experiências com a realidade externa são primordiais ao bom desenvolvimento do bebê. Atenta que a ilusão deve ser mantida inicialmente para que a criança sinta-se segura para transitar entre a fantasia interna, que é mais primária, e a realidade. Somente com um adulto é possível ao bebê existir, física e psicologicamente, e “para que a ilusão se dê na mente do bebê, um ser humano precisa dar-se ao trabalho permanente de trazer o mundo para ele num formato compreensível e de um modo limitado, adequado às suas necessidades” (WINNICOTT, 1945, p. 229).

Essa fase em que o bebê está inserido se apresenta como a fase de *holding* e cuidados mais intensos. Nessa fase também ocorre para a mãe a

fase da preocupação materna primária (a ser melhor abordada à frente) e que permite a conexão com as necessidades do bebê, funcionando como verdadeiro ego auxiliar.

Neste estado o bebê não possui meios de perceber os cuidados maternos e, assim, não tem condições de perceber a qualidade do cuidado ofertado (bom ou mau), porém, nesta fase já é possível obter proveito ou sofrer o prejuízo a depender do atendimento de suas necessidades (físicas e psíquicas).

Winnicott teoriza que a Falha² do ambiente na fase de extrema dependência se mostra trágica, pois impede o bebê de iniciar seu desenvolvimento emocional, podendo acarretar deficiência mental não orgânica e esquizofrenia infantil (WINNICOTT, 1963).

Winnicott ao analisar a importância das mães nessa primeira fase, afirma que toda falha relacionada à objetividade, em qualquer época, refere-se à falha nesse estágio do desenvolvimento emocional primitivo (WINNICOTT, 1945, P. 228):

É especialmente no início que as mães são vitalmente importantes, e de fato é tarefa da mãe proteger seu bebê de complicações que ele ainda não pode entender, dando-lhe continuamente aquele pedacinho simplificado do mundo que ele, através dela, passa a conhecer.

1.2. Fase de dependência relativa

Nesta fase o bebê já conta com relativo controle motor e já percebe a necessidade de alguns fatores do cuidado materno, ou seja, o bebê de alguma maneira sente a necessidade da mãe e passa a saber em sua mente que a mãe é necessária (WINNICOTT, 1963).

² ABRAM (2000) explicita que na literatura Winnicottiana “falha” em minúsculo significa desaptação da mãe que ocorre quando ela resgata seu sentimento de self e se separa de seu bebê, continuando a desenvolver-se e viver sua vida. Processo tão necessário para facilitar o processo de desilusão para o bebê de que sua mãe não é ele (eu e não-eu). Já a “Falha” em maiúsculo significa uma quebra repentina na continuidade do ser proporcionada por ambiente não-suficientemente bom.

Trata-se da fase em que o bebê passa a distinguir entre eu e não-eu que apenas se completa com o processo de desmame (perda do seio). Durante esse estágio, o bebê inicia o processo de tornar-se consciente de sua própria dependência e resulta em um sentimento de ansiedade de separar-se de sua mãe.

O processo de personalização, quando o bebê localiza seu eu no corpo, ocorre de fato quando ele consegue fazer identificações complexas e passa a perceber sua mãe como separada de si próprio (até aceitar perder o seio que compreende não ser mais uma parte de si mesmo). Tais identificações permitem que ele também perceba sua dependência dessa parte separada, assim, passa ele ao contínuo processo de intercâmbio entre a realidade interna e externa.

Importante ressaltar que o indivíduo está se integrando e pessoalizando mas ainda há um longo percurso antes de se relacionar como pessoa total com uma mãe total.

O bebê nasce em estado de não-integração, ou seja, os núcleos do ego estão dispersos e, para o bebê, estes pequenos pedaços de si mesmo estão incluídos em uma unidade que ele forma com o meio ambiente, assim, o objetivo desta etapa é a integração dos núcleos do ego, ao mesmo tempo que ocorre a personalização, ou seja, a percepção de que o corpo aloja o verdadeiro *self*. Tais fenômenos de integração e personalização ocorrem concomitantemente e são necessários ao desenvolvimento psíquico.

Há fatores que permitem a entrada nessa fase de dependência relativa, são elas: primeiramente, faz-se necessária a falha gradual da mãe e a compreensão intelectual do bebê desse processo; apresentação confiante do mundo feita pela mãe (apresentação de objetos que será melhor abordada a frente); aumento da consciência do bebê de sua própria dependência e a capacidade do bebê de identificar-se (ABRAM, 2000).

Importante destacar que a falha gradual da mãe ocorre quando ela, após a preocupação materna primária, começa a se desaptar da relação fundida com seu bebê. Mostra-se primordial para o bebê que a mãe o faça,

permitindo a entrada no “princípio de realidade” para a criança e, assim, o desiluda da onipotência.

Winnicott destaca que a mãe que não consegue cessar a satisfação antecipatória de seu filho, além da idade conveniente, impede que ele se aproprie da realidade, fazendo mais do que castrá-lo e “a ele restam apenas duas alternativas: ou permanece em um eterno estado regressivo, fundido à mãe, ou encena uma rejeição total à mãe, mesmo que ela seja aparentemente boa” (WINNICOTT, 1970, p. 51).

A Falha de ambiente nesta fase provocam um trauma (uma vez que já existe uma pessoa capaz de ser traumatizada) que pode levar à predisposição para distúrbios afetivos e tendência antissocial (WINNICOTT, 1963).

1.3. Fase de adaptação relativa – rumo à independência

A criança que estabelece uma distinção entre o eu e não-eu se torna apta a entrar nessa nova fase de desenvolvimento, que durará toda sua vida³, em que pode estabelecer um mundo interno bastante sólido baseado em suas próprias experiências com o mundo externo. Necessário que o bebê seja capaz de estabelecer identificação com sua mãe e ao mesmo tempo vê-la como separada de si mesmo, podendo fazer um intercâmbio entre realidade interna e externa. E assim atinge um estágio importante denominado por Winnicott de “status unitário”. Assim, o exterior refere-se ao não-eu, o interior significa eu, o que quer dizer que agora existe um lugar onde guardar as coisas. Na fantasia da criança a realidade psíquica pessoal está localizada no interior, mas caso o coloque fora, ele possui boas razões de fazê-lo (WINNICOTT, 1968).

³ O processo de vir-a-ser é a espinha dorsal na teoria e prática clínica de Winnicott e se apresenta como processo de amadurecimento contínuo pessoal cuja tendência natural é de se tornar uma unidade integrada capaz de possuir um *self* que existe no espaço/tempo e corpo. O processo de vir-a-ser se estabelece em ciclos num processo contínuo. O processo de amadurecimento é proporcionado por dois fundamentos básicos: tendência inata ao amadurecimento (nature) e o cuidado suficientemente bom do ambiente (nurture).

O bebê já consegue se mover no mundo e desenvolve meios de se articular sem os cuidados reais, graças ao acúmulo de lembranças de cuidados, da projeção de necessidades pessoais e a introjeção de fatores do cuidado, com o desenvolvimento da confiança no ambiente, além, da compreensão intelectual mais desenvolvida.

A facilidade em transitar entre a realidade interna e externa apenas pode ser favorecida com base na convicção de segurança do ambiente, isto é, o bebê adquire a noção de interior e exterior e a confiança no ambiente aos poucos se torna a convicção em uma introjeção baseada na experiência de confiança humana.

Os pais são figuras humanas e, portanto, sujeitos a inúmeras falhas. As falhas ocorrerão, inevitavelmente, e esse não deve ser um fator a ser considerado se estas são corrigidas oportunamente. Winnicott (1968, P. 98) discorre que:

são as incontáveis falhas, seguidas de um tipo de cuidado que corrige, o que estabelece uma comunicação amorosa, pelo fato de existir um ser humano que cuida. Quando a falha não é corrigida dentro do tempo necessário em segundos, minutos, horas, então empregamos o termo privação. Uma criança privada, após ter contato com as falhas corrigidas, experimenta uma falha não-corrigida. É, então, que o esforço da vida da criança cria as condições nas quais as falhas corrigidas mais uma vez servem de exemplo para a vida.

Winnicott claramente dispõe que são as falhas da mãe e do pai que irão comunicar-se com o bebê e, paradoxalmente, essas falhas corrigidas que inspirarão ao bebê a verdadeira confiança no ambiente.

CAPÍTULO 2- FUNÇÃO MATERNA

2.1. Importância do ambiente-indivíduo

Nos registros emocionais da infância encontram-se a base da vida emocional adulta. Os bebês se relacionam de forma extremamente sensível com o meio ambiente e com as figuras materna e paterna.

Todo indivíduo tem a tendência inata a se desenvolver e unificar, e o faz por meio do processo de maturação de seu psiquismo. Winnicott, em seus estudos deu enorme importância a esses dois fatores como requisitos para um bom desenvolvimento emocional, quais sejam: meio ambiente físico suficientemente bom e funções parentais suficientemente boas, que, por diversas vezes, se confundem no psiquismo do bebê. Winnicott (1968, p. 82) destaca, quanto ao ambiente-indivíduo, que:

é certo que um bebê não poderá tornar-se uma pessoa se existir um meio ambiente não humano; nem mesmo a melhor das máquinas pode oferecer aquilo que se necessita. Não, um ser humano se faz necessário, e os seres humanos são essencialmente humanos – isto é. Imperfeitos – e não possuem a infalibilidade das máquinas. O uso que o bebê faz do meio ambiente não-humano depende do uso que ele anteriormente fez de um meio ambiente humano.

2.2. Loucura materna: preocupação materna primária

A função materna de identificar-se com seu bebê para satisfazer-lhe as necessidades foi chamada por Winnicott de loucura das mães ou preocupação materna primária e corresponde à onipotência originária da mãe, uma vez que a mãe toma o bebê como parte de si mesma (dimensão transitiva da função materna), pensa seu bebê e lhe atribui efeitos psíquicos (conteúdo de seus pensamentos conscientes e inconscientes, enunciados de seu discurso, representações que ela projeta sobre o bebê) e, nutre a onipotência de satisfazer, assim, completamente seu bebê.

Winnicott destaca em relação a esta condição psiquiátrica especial passada pelas mães, uma vez que seria uma doença, no caso de não existir uma gravidez, e, que, gradualmente, esse estado passa a ser o de uma

sensibilidade exacerbada durante e principalmente o final da gravidez. Winnicott afirma que “difícilmente as mães o recordam depois que o ultrapassam. Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida” (WINNICOTT, 2000, p. 401).

O estado de sensibilidade exacerbada tem início no final da gravidez e dura até algumas semanas após o nascimento do bebê e permite à mãe identificar-se com ele a ponto de compreender suas necessidades. Nas palavras de Winnicott (2000, p. 403):

A mãe que desenvolve esse estado ao qual chamei de ‘preocupação materna primária’ fornece um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, para que as tendências ao desenvolvimento comecem a desdobrar-se, e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se torne dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida.

Importante destacar que Winnicott se utiliza do termo “doença” por compreender que há um retraimento ou fuga ou mesmo um distúrbio num nível mais profundo quando um determinado aspecto da personalidade toma o poder temporariamente e ressalta que “a mulher deve ter saúde suficiente tanto para desenvolver esse estado quanto para recuperar-se dele à medida que o bebê a libera. Caso o bebê morra, o estado da mãe repentinamente revela-se uma doença” (WINNICOTT, 2000, p. 401).

Nem todas as mulheres entram nesse estado de sensibilidade exacerbada de preocupação com o seu bebê a ponto de excluir quaisquer outros interesses, de maneira normal e temporária. Winnicott ressalta que “a mulher que se caracteriza por uma forte identificação masculina sentirá essa parte das funções maternas a mais difícil de realizar, e a inveja do pênis reprimida deixa muito pouco espaço para a preocupação materna primária” (WINNICOTT, 2000, p. 402).

Winnicott afirma que se a mãe não for capaz de ingressar no estado de preocupação materna primária, deixará com que o bebê caia. Essa queda seria uma falha nos cuidados maternos, uma quebra na estrutura ambiente-indivíduo e que poderia conduzir à psicose (ABRAM, 2000).

Assim, a mãe que não conseguir atravessar o estado de preocupação materna primária torna-se incapaz de estabelecer uma conexão com o bebê e não consegue lhe oferecer o necessário suporte egóico.

Winnicott destaca que o destino do bebê que não recebeu cuidados suficientemente-bons nos primeiros estágios pode provocar distorções da organização egóica com características esquizoides e pode provocar uma defesa específica de auto holding (ou ao desenvolvimento de um falso self zeloso) (WINNICOTT, 1968).

Abram afirma que essa intrusão no desenvolvimento são sentidas pelo bebê como uma ansiedade e angústia primitivas e causam um sentimento de que o *self* foi aniquilado e assevera que (ABRAM, 2000, p. 31):

A aniquilação dá-se por causa de uma ameaça de isolamento do núcleo do self. O suporte egóico da mãe é necessário a fim de proteger o núcleo do self do bebê; sem o suporte egóico, o bebê é forçado a manter a proteção por sua própria conta, ou seja, a desenvolver defesas psicóticas.

2.3. Mãe suficientemente boa: funções

2.3.1. *Holding*

Winnicott deu enorme importância em sua obra à influência do *holding* no desenvolvimento humano primitivo, uma vez que em função do *holding* suficientemente-bom que o bebê consegue desenvolver a capacidade de integrar a experiência e desenvolver um sentimento de Eu. Ao se referir à importância do *holding*, ABRAM (2000, p. 135) afirma que:

Todas as particularidades do cuidado materno que antecedem e advêm depois do nascimento convergem para a composição do ambiente de *holding*. Isto inclui a preocupação materna primária da mãe, que lhe possibilita fornecer ao bebê o necessário suporte egóico. Tanto o *holding* psicológico como o físico são essenciais ao bebê ao longo de seu desenvolvimento e o serão por toda a sua vida

O *holding* ocorre quando se protege o bebê das agressões fisiológicas e se leva em conta a sensibilidade da pele do bebê: o toque, a temperatura, a sensibilidade auditiva, visual, a sensibilidade do cair (gravidade) e a falta de conhecimento por parte do bebê da existência de alguma outra coisa que não seja o self. Importante destacar que o *holding* suficientemente-bom inclui também o pai (ABRAM, 2000).

O objeto unificador do ego inicial não integrado da criança é a mãe e seus cuidados (*holding*). O processo de integração começa imediatamente após a vida, mas nunca o poderemos considerar algo óbvio, pois cada bebê se desenvolve a sua maneira. Analisando o processo de integração ressaltou Winnicott (1945, p. 223):

A tendência a integrar-se é ajudada por dois conjuntos de experiências: a técnica pela qual alguém mantém a criança aquecida, segura-a e dá-lhe banho, balança-a e a chama pelo nome, e também as agudas experiências instintivas que tendem a aglutinar a personalidade a partir de dentro.

Quando o *holding* é bem-sucedido proporcionado pelos pais conduz o bebê “a uma apreciação da realidade e a uma relação tridimensional ou espacial onde o tempo é gradualmente acrescentado” (WINNICOTT *apud* ABRAM, 2000, p. 137).

2.3.2. *Handling*

O termo *Handling* (manejo ou manipulação), é a capacidade da mãe manejar seu bebê para as suas funções e necessidades e, também, para que ele não se sinta invadido em um ambiente assustador. Aos poucos o bebê começa a experimentar que vive dentro do seu corpo. Trata-se da experiência de entrar em contato com as diversas partes do corpo através das mãos da mãe, ou seja, o bebê começa a compreender que habita seu próprio corpo, e a maneira como é tratado, cuidado, manipulado permite esse fenômeno.

Winnicott emprega o termo “personalização” opondo-se à ideia de “despersonalização” que ocorre quando o indivíduo experimenta a cisão mente-corpo e não se sente como pertencendo a seu próprio corpo.

O toque proporcionado pela mãe nos cuidados do dia-a-dia permite a personalização, ou seja, o bebê passa a sentir, como consequência do toque amoroso, que seu corpo se constitui nele mesmo (bebê), ou seja, que a psique habita o soma, e, assim, sente que pertence ao seu próprio corpo.

Para Winnicott, o bebê se sente infinitamente exposto e apenas se alguém colocar seus braços em volta dele é que o momento do Eu Sou pode ser suportado, ou melhor, arriscado (ABRAM, 2000).

2.3.3. Apresentação de objetos

Uma das funções da mãe, na teoria winnicottiana, é intermediar a apresentação do objeto, ou seja, entregar ao seu bebê o objeto desejado no momento em que ele o necessita. Para Winnicott, as bases da relação objetal instauram-se na primeira infância, e dependem da maneira como a mãe apresenta ao bebê o seio, a mamadeira ou qualquer outro objeto. Nessa apresentação do objeto, a mãe o faz de tal forma, que permite ao bebê criar o que já se encontrava ali. Na verdade o que o bebê cria é a parte da mãe que foi encontrada (WINNICOTT, 1983).

Winnicott ao analisar o relacionamento do bebê com o seio (ou seu substituto), declara que o bebê possui impulsos instintivos e ideias predatórias, por outro lado a mãe possui o seio e o poder de produzir leite e a ideia que gostaria de ser atacada por um bebê faminto e que tais fenômenos apenas serão significativos quando ambos viverem juntos uma experiência. E a forma pela qual a mãe proporciona essa primeira experiência se caracteriza por ser o primeiro vínculo do bebê com um objeto externo (Winnicott, 1945, P. 227):

a mãe, sendo madura e fisicamente capaz, deve ser a parte que tolera e compreende, sendo ela, portanto, quem produz uma situação que, com sorte, pode resultar no primeiro vínculo estabelecido pelo bebê com um objeto externo, um objeto que é externo ao ponto de vista do bebê.

A capacidade do bebê de pensar depende de como o mundo lhe é apresentado. E todo o procedimento referente aos cuidados dispensados ao bebê tem como característica principal uma apresentação constante do mundo à criança e “isso é algo que não pode ser feito através do pensamento, nem

pode ser manejado mecanicamente. Só pode ser feito através do manejo contínuo efetuado por um ser humano” (WINNICOTT *apud* ABRAM, 2000, P. 106).

Tais funções maternas, integradas como ambiente suficientemente bom, proporcionariam ao bebê, paulatinamente e com poucas intrusões, seu amadurecer como processo de constituição da pessoa do bebê, ou seja, à conquista de uma existência que tem no cerne um si mesmo integrado (ROSA, 2009).

2.4. Função materna: a ilusão e desilusão da onipotência do bebê

Ao nascer o bebê depende de outro que o aqueça, o alimente, acalente e, principalmente, interprete suas funções corporais em necessidades. Em geral, essa função cabe a mãe.

Jan Abram esclarece que na teoria do desenvolvimento de Winnicott o primeiro ambiente que se constitui para o bebê é a mãe e que, no princípio, ambos estão fundidos numa só estrutura ambiente-indivíduo (ABRAM, 2000).

A essa capacidade da mãe de compreender as demandas do seu bebê e satisfazê-las, muitas vezes antecipando-as, provoca um aspecto radical do psiquismo humano: a transformação do bebê de ser de necessidade para ser de desejo. Quando a mãe interpreta o primeiro grito do bebê como apelo, por exemplo, antes de qualquer linguagem propriamente dita, ocorre o chamado “encontro inaugural”⁴, no qual o bebê é promovido ao estatuto de sujeito falante e pode ser atendido em seus desejos. Assim, a relação primeira de necessidade (alimentar-se) passa também a ser satisfação da própria pulsão que encontra regozijo na relação com o outro, no princípio, com a mãe.

Cumprido destacar que, a princípio, a satisfação da zona erógena que dá origem à sensação de prazer se encontra associado ao alimento (seio materno ou seu substituto). Dessa forma, a atividade sexual, inicialmente, se apoia na função da preservação da vida, trata-se do conceito de apoio

⁴ Cullere-Crespin (2007) denomina “encontro inaugural” o momento em que uma resposta emerge do chamado do bebê e a partir do qual o significante poderá se inscrever em seu corpo, permitindo-lhe passar do estatuto de “ser de necessidade” para “ser de desejo”.

anaclítico de Freud. Garcia-Roza nos ensina que “anteriormente à fase autoerótica, na qual a pulsão sexual perde seu objeto, há uma fase na qual a pulsão se satisfaz por ‘apoio’ na pulsão de auto conservação e essa satisfação se dá graças a um objeto: o seio materno” (GARCIA-ROZA, 2007, p. 99)

O potencial criativo do indivíduo, surgido da necessidade, produz um estado propício à alucinação. Winnicott afirma que “o amor da mãe e sua estreita identificação com o bebê fazem-na consciente da necessidade deste, o que a leva a providenciar alguma coisa mais ou menos no lugar certo e no momento certo” (WINNICOTT, 2000, p. 311).

Desta forma, a mãe possibilita ao bebê o desenvolvimento da experiência da onipotência. Inicialmente o bebê “cria o seio”, mas apenas consegue fazê-lo por sua mãe estar ali naquele momento permitindo a alucinação. Após essa fase, é comunicado ao bebê que venha ao mundo criativamente, assim, ele passa a criar o mundo apenas com aquilo que tem significado a ele. Assim, o bebê sente que controla o mundo. Winnicott afirma que (WINNICOTT, 1968, p. 101):

a partir dessa experiência de onipotência inicial o bebê torna-se capaz de poder experimentar a frustração e até mesmo de um dia chegar ao outro extremo da onipotência, ou seja, de adquirir um sentimento de ser uma gota d’água no oceano, um oceano que já existia antes mesmo dele ser concebido por pais que tinham prazer um com o outro.

A ilusão da onipotência do bebê se mostra na teoria winnicottiana como o centro do viver criativo, ou seja, reside da ilusão pela qual ele é Deus e cria o mundo.

Winnicott destacou, no entanto, que a principal função materna é desiludir o bebê de sua onipotência. Mas antes disso, caberia a ela fornecer oportunidades para ilusão. Ou seja, a mãe deve inicialmente fornecer ao bebê a ilusão de que ele cria suas próprias satisfações, sua própria realidade. Logo após esse período, é tarefa da mãe desiludir a criança, não atendendo tudo tão prontamente e, progressivamente, propiciar que a criança suporte algumas frustrações (WINNICOTT, 2000).

2.4.1. Desilusão e transicionalidade

Devido ao oferecimento de um ambiente suficientemente bom, o bebê vai adquirindo confiança no ambiente externo e pode arriscar a transição do seu mundo interno para a realidade externa. Esse movimento apenas pode ser experienciado graças ao oferecimento da ilusão de sua onipotência seguida da gradativa desilusão da criança que, ao ser defrontada com a crescente frustração, passa a desenvolver a capacidade de relacionar-se com a realidade externa.

Tal transição é paulatina e necessita, inicialmente, de um espaço que se situa entre a realidade interna e externa que Winnicott denominou de terceira área ou fenômeno transicional. Trata-se de uma área intermediária de experimentação que não é inteiramente subjetiva (criado/alucinado) ou objetiva (real) e antecede ao teste de realidade.

Winnicott desenvolveu sua teoria em torno dos objetos transicionais para explicar a relação de objeto por bebês com o uso do punho, dedos, polegar, que vai além da excitação/satisfação oral, e o uso que os bebês mais velhos farão com um ursinho, boneca ou brinquedo favorito que se tornam excessivamente apegados. Esse objeto externo será adotado pelo bebê como sua primeira posse não-eu e se mostra como defesa contra a ansiedade, especialmente a ansiedade depressiva, e, ao cumprir sua função de ponte entre as realidades, não será nem internalizado nem reprimido, como as relações objetais comuns, apenas relegado ao limbo psíquico (WINICOTT, 2000, p. 321).

Importante destacar que do ponto de vista do bebê, o objeto transicional não é visto como objeto interno (controle mágico onipotente) tampouco como objeto real (fora de seu controle), embora se relacione com ambos. O objeto transicional pode representar o seio externo (mãe real), mas apenas de modo indireto, pelo fato de também representar o seio interno. Winnicott (2000, p. 328), ao tratar da área que o fenômeno transicional ocupa, destaca que:

o objeto transicional e os fenômenos transicionais dão a partida a cada ser humano através daquilo que será sempre importante para ele, ou seja, uma região neutra de experiência que não será questionada. Podemos dizer do objeto transicional que se trata de algo sobre o qual temos um acordo com o bebê, razão por que jamais lhe faremos a pergunta: 'Você concebeu isto ou isto lhe foi apresentado a partir do exterior?' O que importa é o fato de que não se espera, quanto a isto, nenhuma decisão. A questão não é para ser formulada

O uso do objeto transicional vai além de um objeto confortador em momentos de ansiedade, ele se torna parte inseparável da criança e, por momentos, se torna mais importante que a própria mãe, e é importante para que a criança consiga realizar a travessia para a realidade externa e, assim, aos poucos pode substituí-la.

Importa destacar que o objeto transicional pode não existir em bebês perturbados emocionalmente, e, assim, apenas a mãe existirá, provocando enorme apego e fixação, impedindo que a transição entre as realidades seja usufruída de forma saudável (WINICOTT, 2000, p. 317).

Winnicott declara que a aceitação da realidade, iniciada nessa fase, jamais se completa e que nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna à realidade externa e que o alívio para essa tensão é proporcionada pela área intermediária de experiências, a qual não é submetida à questionamentos (arte, religião, por exemplo). E essa região intermediária continua de modo direto a área do brincar da criança pequena que se encontra 'perdida' em sua brincadeira. (WINNICOTT, 2000, p. 329).

2.5. Função materna: permitir o desenvolvimento do verdadeiro self

A mãe que exerce suas funções em um ambiente razoavelmente sem interferências foi denominada por Winnicott de "mãe suficientemente boa", uma vez que permitiria que seu bebê colocasse em prática a tendência inata de desenvolvimento e continuidade fazendo emergir seu verdadeiro self.

O termo “self” foi introduzido por Hartmann, um dos fundadores da escola da Psicologia do Ego, em 1950, para designar a representação da pessoa inteira (corpo e organização mental), mas para Winnicott, haveriam dois aspectos no self que estariam presentes em qualquer ser humano em proporções variadas: um verdadeiro e um falso. Winnicott constrói sua base teórica a partir da ideia de cisão da personalidade entre verdadeiro e falso self inerente à condição humana.

Na teoria Winnicottiana, numa tentativa de ser específico, estabelece uma distinção entre o ego e o self, quando não é específico, emprega ambos os termos quase como se fossem sinônimos. De maneira geral, a utilização da palavra ego dentro de Winnicott, refere-se a algum aspecto do verdadeiro e/ou falso self, assim como ao psique-soma. É este aspecto que vem a integrar a experiência de self (ABRAM, 2000).

Não há dúvidas acerca da importância da comunicação entre mãe e bebê, em especial na fase de dependência absoluta, para o desenvolvimento do verdadeiro *self*, uma vez que a função materna essencial possibilita à mãe pressentir as expectativas e necessidades mais precoces de seu bebê e nas palavras de Winnicott (1990, p. 135):

é por causa dessa identificação com o bebê que ela sabe como protegê-lo, de modo que ele comece por existir e não por reagir. Aí se situa a origem do self verdadeiro que não pode se tornar realidade sem o relacionamento especializado da mãe, o qual poderia ser descrito com uma palavra comum: devoção.

Galvan e Moraes adentram ao tema e esclarecem que nesse momento do desenvolvimento não há diferenciação mãe-bebê e “do ponto de vista do bebê é o momento da dependência absoluta, onde a mãe-ambiente necessita fornecer as condições básicas de sustentação que permitam a realização paulatina e ininterrupta do vir-a-ser do bebê” (GALVAN; MORAES, 2009, P. 25).

A base para o estabelecimento do ego da criança é que a continuidade do ser não seja interrompida por reações à intrusão (WINNICOTT, 2000) que somente pode ser resguardada com a mãe identificada (consciente mas profundamente inconsciente) com as necessidades do bebê. No entanto, se há intrusões por falha materna ocorrerá uma ameaça de aniquilação do eu

do bebê. Assim, essa falha não será sentida como falha da mãe, nesse primeiro momento, pelo bebê, mas sim como ameaças à existência pessoal do eu do bebê (WINNICOTT, 1968).

Winnicott denomina de “intrusão” aquilo que interrompe a continuidade do ser do sujeito cuja natureza deriva essencialmente do ambiente. Essa invasão pode ser traumática, quando ocorre prematuramente e de forma intensa, ou pode ser reconstituente, quando o bebê recebeu um suporte suficientemente-bom do ambiente (ABRAM, 2000)

A formação do ego é silenciosa e decorre das ameaças de aniquilação que não se cumprem e das quais o bebê repetidamente se recupera. Assim, “a partir dessas experiências, a confiança na recuperação começa a transformar-se em algo que leva ao ego e à capacidade do ego de suportar frustrações” (WINNICOTT, 2000, p. 404).

Winnicott teoriza acerca de um self central, que é o potencial herdado que experimenta a continuidade do ser, adquirindo, ao seu próprio modo e num ritmo particular, uma realidade psíquica e um esquema corporal característicos. A necessidade de isolamento desse self central deve ser encarada como uma característica da saúde. Assim, “qualquer ameaça a esse isolamento do verdadeiro self transforma-se em uma tremenda ansiedade nesse estágio inicial.” (WINNICOTT *apud* ABRAM, 2000, P. 31)

Nesse rumo, conforme concluiu Winnicott “o fornecimento de um ambiente suficiente bom na fase mais primitiva capacita o bebê a começar a existir, a ter experiências, a constituir um ego pessoal, a dominar os instintos e a defrontar-se com todas as dificuldades inerentes a vida” (Winnicott, 2000, p. 404).

CAPÍTULO 3- FUNÇÃO PATERNA

3.1. O ambiente indestrutível

Na obra de Winnicott, a função paterna não aparece de forma específica, mas em forma de ambiente que favorece e contribui para a sustentação do ambiente suficientemente-bom. Winnicott analisa a função paterna em alguns campos: a relação entre os pais, o suporte do pai à mãe, o representante da ruptura da díade mãe-bebê e aquele que proporcionará o conhecimento do mundo ao sujeito (ABRAM, 2000).

A relação entre os pais ganha importância no desenvolvimento psíquico, uma vez que a união sexual do pai e da mãe constitui-se em um fato, um fato marcante, em torno do qual a criança irá estruturar uma fantasia, trata-se de “um rochedo ao qual ela pode esfernear; além do mais, ela é parte do início de uma solução pessoal para o problema de uma relação triangular” (WINNICOTT, 1960 *apud* ABRAM, 2000, p. 37)

Na teoria winnicottiana, a análise do papel do pai parte da ideia de um bebê amadurecendo dentro de uma família, composta por pessoas reais que lhe dispensam cuidados reais (ROSA, 2009).

Na fase de dependência absoluta, a vida inicial do bebê se caracteriza pelo conjunto de experiências que acontecem no interior da relação mãe-bebê, da qual o bebê faz parte. E nessa fase, o pai, do ponto de vista do bebê, é parte do ambiente e entra diretamente na vida do filho como mãe-substituta.

Somente nas fases seguintes, na medida do crescente amadurecimento, o bebê começará a entrar em contato com aspectos do pai para, somente após ter conquistado o estatuto de identidade unitária e ter integrada a instintual idade, estabelecer uma relação direta e efetiva com o pai como terceira pessoa (ROSA, 2009).

A função de proporcionar à mãe um suporte, além de ser ele próprio, a amar e desfrutar da relação com a mãe (caso exista uma relação entre os dois), faz com que o pai proporcione um ambiente suficientemente bom. E, para Winnicott, a sustentação desse ambiente para a criança onipotente que não pode ser destruído pelo seu ódio e agressão, possibilita à ela, em

segurança, migrar da relação com o objeto para o uso do objeto (Winnicott, 1968, *apud* ABRAM, 2000).

O pai como ambiente indestrutível permite à criança lidar com seus próprios sentimentos de agressividade. Importa nesse processo a confiança da mãe nesse pai e no suporte que ela irá receber e “desta forma (em função da segurança social, do suporte proporcionado pelo pai à mãe etc.), a criança torna-se capaz de fazer algo extremamente complexo, ou seja, integrar todos os seus impulsos destrutivos amando alguém” (WINNICOTT, 1968 *apud* ABRAM, 2000, p. 37).

Para alcançar essa integração dos seus impulsos destrutivos a criança exige um ambiente que seja indestrutível em circunstâncias essenciais, e o pai exerce papel primordial para manter o ambiente seguro.

3.2. Espelho de sua própria integração

A terceira pessoa percebida pelo bebê, além da relação mãe-bebê, ao longo do desenvolvimento, apenas é permitida pela integração do bebê como ser distinto no meio ambiente. Winnicott destaca quanto ao processo de integração do bebê que (WINNICOTT, 1989, p. 188):

à medida que o bebê se desloca do fortalecimento do ego, devido a ser ele reforçado pelo ego da mãe, para a posse de uma identidade sua, própria, isto é, à medida que a tendência herdada à integração faz o bebê avançar no meio-ambiente suficientemente bom para o expectável médio, a terceira pessoa desempenha ou parece desempenhar um grande papel.

O pai, conforme Winnicott, será “o primeiro vislumbre que a criança tem da integração e da totalidade pessoal” (WINNICOTT, 1989, p. 188), antecipando o indivíduo unitário que vai chegar a se tornar. Assim, o bebê passa a utilizar o pai como uma espécie de diagrama para a sua própria integração, num momento em que esta integração ainda não foi conquistada por ele.

Importa destacar que a presença do pai no processo de integração não é primordial, assim, se o pai não se encontra lá, o bebê tenderá ao mesmo desenvolvimento, porém, o fará mais arduamente se utilizando de outro

relacionamento que seja suficientemente estável com uma pessoa total, ou seja, a função será exercida por outra pessoa.

Dessa forma, Winnicott propõe uma mudança da visão do pai, pois encara a função paterna não apenas como mero interventor na relação mãe-bebê, mas apresenta o pai que surge antes, não como lei, mas como modelo de integração, antecipando o estado unitário a que o indivíduo irá chegar, se tudo correr bem (teoria do amadurecimento winnicottiana).

Dessa maneira, o pai, na fase de relativa dependência, faz parte do ambiente indestrutível em que o bebê pode amadurecer e tornar-se uno com a ajuda do pai que será o alicerce a fornecer à criança a primeira configuração da pessoa total.

3.3. Terceiro e Objeto Total

Um ano antes de sua morte, Winnicott dá destaque a função paterna como terceiro, não apenas em relação à mãe, mas o pai que a mãe carrega em si durante a maternagem (a imago paterna), ou seja, Winnicott destaca aquilo que permanece, como memória viva, embora nem sempre consciente, dos momentos de presença e da relação viva e significativa da história das relações pessoais da mãe com o pai e do que permaneceu, nela, após uma eventual morte dele (ROSA, 2009)

Além de ressaltar que, do ponto de vista do bebê, o pai é sempre visto como um objeto total, Winnicott afirma que (WINNICOTT, 1968 *apud* ABRAM, 2000, p. 23):

a terceira pessoa desempenha ou parece desempenhar para mim um importante papel. O pai pode ou não ser uma mãe substituta, porém, em algumas vezes, é percebido em um lugar diverso. É aqui que proponho que o bebê, provavelmente, faça uso do pai como um exemplo para sua própria integração, quando acabava de ter início sua unificação. Desta forma podemos ver que o pai pode ser o primeiro vislumbre dado pela criança em direção à integração e à totalidade pessoal.

Winnicott discorre que, embora, inicialmente, o bebê perceba a mãe constituída como um objeto parcial ou em um ajuntamento de objetos parciais, e o pai, da mesma forma, inicialmente, seja percebido como um punhado de egos. Nos casos favoráveis, o pai apresenta-se como um todo, “isto é, como um pai, e não como uma mãe substitutiva, tornando-se posteriormente dotado de um objeto parcial significativo, mostrando-se como integrado na organização do ego e na conceitualização do bebê” (WINNICOTT, 1968 *apud* ABRAM, 2000, p. 24)

O pai começa a ser percebido como algo separado da criança e diferente da mãe e tem início a chamada fase fálica (como diz Freud) ou exibicionista (como diz Winnicott), quando a criança descobre a diferença entre os sexos. Parece ser bastante provável que a diferença entre meninos e meninas, que começa a ser notada, leve a criança a discriminar entre a mãe e o pai (ROSA, 2009).

3.4. Importância na defesa dos instintos⁵ destrutivos

A criança que está tentando integrar a destrutividade contida na impulsividade instintual, passará a contar com o pai, com o qual começa a ter uma relação direta, para proteger a mãe de sua impulsividade instintual. Dessa maneira, o fato de ter um pai forte e protetor à frente, permite à criança não temer destruir a mãe e, assim, não precisa inibir ou perder a capacidade para o amor excitado (ROSA, 2009).

A proteção oferecida, nessa fase, pelo pai é o que permitirá à criança viver espontaneamente seus impulsos sem que os iniba, podendo então conhecê-los e aprender a controlá-los. Nessa fase o pai ainda não opera como interventor, no sentido que é próprio à etapa edípica, mas intervém no uso impulsivo ou exagerado que a criança faz da mãe, e, isso funciona como proteção.

⁵ Winnicott faz uso da expressão instinto em sua obra, não se apropriando do conceito de pulsão (*trieb*) de Freud. Winnicott substitui o conceito por outros como instinto, desejo, necessidade de ser e tendência inata à integração (FULGENCIO, 2006).

Winnicott ao escrever acerca de um paciente, cujo pai não pôde desempenhar esse papel de apoio na contenção dos impulsos, destacou que (WINNICOTT, 1989, p. 184) :

meu paciente encontra-se nessa posição em que sempre protege a mãe, por ter de preservá-la, não pode ter qualquer descanso ou relaxamento. Dessa maneira, não tem conhecimento de que a mãe poderia sobreviver ao seu ato impulsivo. Um pai forte capacita a criança a correr o risco, ao se pôr no caminho ou se achar lá para corrigir as coisas ou impedi-las através da fúria. O resultado em meu paciente, como é costumeiro nesses casos, foi que ele teve de adotar o autocontrole dos impulsos em uma etapa muito inicial [...]

A criança acaba temendo demasiadamente sua excitação instintual e, por se sentir desprotegida, ela acaba não conhecendo a força e a real qualidade dos seus impulsos, e, por consequência, ela cria mecanismos de defesa contra à própria excitação e também de sua agressividade.

Ao discorrer sobre a agressividade da criança, a autora Claudia Rosa esclarece que “a agressividade da criança, vivida com relação às questões do consentimento, é pré-condição para a experiência agressiva relativa às fantasias de ameaça de castração no estágio edípico” (ROSA, 2009, p. 78).

Assim, a criança nesta fase inicia uma série de experimentações que antecipam e preparam a situação edípica, e que se darão em torno dos conflitos entre lealdade e deslealdade e, portanto, cabe ao pai, assim como a mãe, maturidade suficiente para permitir que a criança explore plenamente os sentimentos e ansiedades que pertencem a esse período.

Por fim, na fase edípica, o pai exercerá papel primordial e proporcionará à criança viver, como pessoa inteira, os diversos aspectos envolvidos nas relações interpessoais que mobilizam a vida instintual, recém-integrada.

3.5. O triângulo amoroso

A entrada nesse estágio tem como pré-requisitos, a conquista da identidade unitária e a integração dos aspectos agressivos e amorosos da

instintualidade. Winnicott localiza essa fase do desenvolvimento mais ou menos na mesma época em que foi localizada por Freud, em sua teoria do desenvolvimento sexual, ou seja, entre os três anos e meio e os cinco anos de idade.

Na etapa anterior, do concernimento, a criança se deu conta da existência de um terceiro membro da família: o pai “e usou-o para proteger a mãe de seus possíveis exageros impulsivos. Mas, nesta nova etapa, a criança passa a perceber que, entre o pai e a mãe, existe uma relação especial e excitante, da qual ela não faz parte. Ou seja, a terceira é ela” (ROSA, 2009, p. 81).

É esta descoberta – a percepção do triângulo com a criança no vértice – que Winnicott denomina “cena primária”. E por mais doloroso que possa ser esse sentimento de exclusão, nascendo na criança uma série de fantasias agressivas, repletas de ódio e de vingança, justamente essa nova percepção da realidade, de que os pais estão unidos eroticamente e amorosamente, que fornecerá à criança um ponto de referência e de estabilidade psíquica.

Ao ocupar as diferentes posições no triângulo familiar, a criança experimenta relações de lealdade e deslealdade (confiabilidade familiar) e que o auxiliará a ocupar diversos lugares na relação com a sociedade. Winnicott (1989, p. 57) destaca que:

quando chega ao estágio de desenvolvimento em que consegue perceber a existência de três pessoas, ela própria e duas outras, a criança encontra, na maioria das culturas, uma estrutura familiar à sua espera. No interior da família, a criança pode avançar passo a passo, do relacionamento entre três pessoas para outros mais complexos. É o triângulo simples que apresenta as dificuldades e também toda a riqueza da experiência humana.

CONCLUSÃO

Esse estudo insere-se em uma lacuna na literatura a respeito do papel das funções parentais, onde existe uma prevalência de estudos sobre a importância da díade mãe-bebê, conferindo ao pai o papel de interventor e de representante da lei. A partir do legado freudiano que, firmado no modelo da neurose, concebe o aparelho psíquico por dois eixos primordiais: o complexo de Édipo e a sexualidade, percebeu-se a importância das funções parentais como lugar central na estruturação da subjetividade, dando os contornos do adoecer psíquico.

Fato notório que os seres humanos nascem incompletos com funções motoras e pulsões desorganizadas, dependentes de cuidados para satisfação de todas suas necessidades como alimentação, bem estar físico e, principalmente, para comunicar-se com o mundo. O novo indivíduo passará por fases de dependência: passando da dependência absoluta em que se sujeita aos cuidados de outro ser (em geral seus pais ou figuras que exerçam tais funções) para sua própria sobrevivência (física e psíquica), chegando na fase de relativa dependência até a fase de maturidade rumo à independência.

Importa destacar que o desenvolvimento emocional do indivíduo tende a maturidade, embora, o próprio nome da fase leve a crer que ninguém alcança independência absoluta, uma vez que sempre dependeremos do outro sob o viés do amor e investimento psíquico.

Na fase de dependência absoluta, o bebê não possui o discernimento do seu estado de dependência, uma vez que a percepção de sua própria existência, da mãe e da realidade estão fundidas. Assim, nasce a experiência crucial de onipotência do bebê, que acredita ser sua mãe ele próprio e ao receber o que precisa ele crê que isso aconteceu por ser ele Deus (poder criativo).

A principal função materna é desiludir o bebê de sua onipotência, porém cabe a ela, antes disso, fornecer oportunidades para ilusão. Ou seja, a mãe deve inicialmente fornecer ao bebê a ilusão de que ele cria suas próprias satisfações, sua própria realidade.

A fase de dependência absoluta é marcada pelos cuidados mais intensos de *holding*. Nessa mesma fase a mãe precisa se conectar, consciente e inconsciente, às necessidades seu bebê, pois se torna um verdadeiro ego auxiliar deste. Tal identificação maciça é proporcionada pela preocupação materna primária e permitirá à mãe exercer suas funções (*holding*, *handling* e apresentação de objetos) em um ambiente razoavelmente sem interferências, sendo denominada de “mãe suficientemente boa”.

O termo suficientemente-bom orbita em torno da tarefa que os pais possuem de desiludir a criança, não atendendo tudo tão prontamente e, progressivamente, propiciando que a criança suporte algumas frustrações.

Nessa fase inicial de dependência absoluta, a vida do bebê se caracteriza pelo conjunto de experiências que acontecem no interior da relação mãe-bebê, da qual ele faz parte. E nessa fase, o pai é meramente parte do ambiente e entra diretamente na vida do filho como mãe-substituta. Somente nas fases seguintes, na medida do crescente amadurecimento, o bebê começará a entrar em contato com aspectos do pai para, somente após ter conquistado o estatuto de identidade unitária e ter integrada a instintualidade, estabelecer uma relação direta e efetiva com o pai como terceira pessoa total.

Na fase de dependência relativa, o bebê, que já conta com certo controle motor e instintual, consegue perceber a necessidade de alguns fatores do cuidado materno e, de alguma maneira sente a necessidade da mãe, e passa a saber em sua mente que a mãe é necessária. O bebê por meio da integração e personalização começar a vislumbrar seu “status unitário” separado do mundo, fazendo as primeiras apropriações complexas entre eu e não-eu.

O pai, nesta fase, também começa a ser percebido como algo separado da criança e diferente da mãe, funcionando como verdadeiro diagrama da integração do bebê, além de proporcionar à criança sua integração instintual agressiva.

Na fase de rumo à independência, o bebê já consegue se mover no mundo e desenvolve meios de se articular sem os cuidados reais, graças ao acúmulo de lembranças de cuidados, da projeção de necessidades pessoais e

a introjeção de fatores do cuidado, com o desenvolvimento da confiança no ambiente, além, da sua compreensão intelectual mais desenvolvida.

De fato a maior contribuição das funções parentais é proporcionar a facilidade da criança em transitar entre a realidade interna e externa. Tal processo somente pode ser favorecido com base na convicção de segurança do ambiente, através da confiança humana sob relações de lealdade.

Embora a denominação de pais suficientemente bons possa levar à conclusão equivocada de que o bebê necessita de pais quase perfeitos, na realidade, Winnicott acolhe esses pais ao rechaçar a necessidade de perfeição ao bom desenvolvimento, pois o que o bebê necessita é o cuidado e a atenção de uma pessoa (incluindo o pai), com continuidade e devoção.

Também deve-se deixar claro que não se trata singelamente de um bom desempenho em cuidar de bebês (mantê-lo aquecido, alimentado e limpo, por exemplo), mas de cuidados devotados a ele e à tarefa de cuidá-lo, assim permitindo ao bebê uma apresentação não-dissipada da realidade externa. Desta forma, o bebê vai adquirindo um interior e um exterior e a confiança no ambiente se transforma em convicção.

A confiança apenas pode ser favorecida com a comunicação silenciosa de cuidados repetidos, pois não há registros da confiança, apenas de seus resultados. Da mesma forma as falhas do ambiente podem ser sentidas, contudo, podem ser reparadas. E são as falhas corrigidas que proporcionam ao bebê a confiança no ambiente e uma adaptação bem sucedida que o conduzirá ao sentimento de segurança e de ser amado.

A formação do ego na criança é silenciosa e decorre das ameaças de aniquilação que não se cumprem e das quais o bebê repetidamente se recupera. Assim, a partir dessas experiências, a confiança na recuperação começa a transformar-se em algo que leva ao ego e à capacidade do ego de suportar frustrações.

Por fim, cumpre-nos destacar a inegável importância de um ambiente suficientemente bom ao desenvolvimento emocional da criança, contudo, o ambiente não faz a criança, que possui suas próprias tendências, na melhor das hipóteses possibilita à criança realizar seu potencial. Assim, por

maior que seja a importância do ambiente à saúde psíquica do bebê, ele apenas oferece um espectro da experiência, e pode apenas facilitar ou contribuir com danos ou proveitos .

Desta forma, cabe aos pais proporcionar um ambiente apropriado à satisfação das necessidades e abster de converter o bebê no bebê de suas fantasias cabendo às figuras parentais a maturidade suficiente para permitir que a criança explore plenamente os sentimentos e ansiedades que pertencem as fases de seu desenvolvimento emocional.

As funções materna e paterna, integradas como ambiente-indivíduo, proporcionarão ao bebê, paulatinamente e com poucas intrusões, seu amadurecer como processo de constituição da sua própria pessoa, ou seja, a conquista de uma existência que tem no cerne um si mesmo integrado.

Espera-se que as contribuições do presente trabalho possam auxiliar no processo terapêutico de crianças e adultos, bem como auxiliar pais e profissionais de áreas relacionadas à infância na compreensão da importância psíquica de seus papéis na constituição psíquica nos primeiros anos de vida da criança. Outros estudos se fazem necessários no sentido de aprofundar o conhecimento do lugar dos diversos atores (educadores, profissionais de saúde, etc.) que se encontram ao redor da criança, durante seu processo de constituição psíquica.

REFERÊNCIAS

- ABRAM, Jan. **A linguagem de Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- CRESPIM, Graciela. **A Clínica precoce: o nascimento do humano**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Casa do Psicólogo. 2004.
- FULGENCIO, Leopoldo, Notas sobre o abandono do conceito de pulsão na obra de Winnicott, winnicott e-prints, 2006, vol.1, n.1, pp. 85-95. ISSN 1679-432X. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2006000100005#0a . acesso em 13 mar. 2017
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 22. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 2007.
- GALVAN, Gabriela Bruno; MORAES, Maria Lúcia Toledo. Os conceitos de verdadeiro e falso self e suas implicações na prática clínica. **Aletheia**, Canoas , n. 30, p. 50-58, dez. 2009 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jan. 2017
- ROSA, Claudia Dias. O papel do pai no amadurecimento em Winnicott. **Natureza Humana**, 55-96, 2009.
- WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 218-233. Obra original publicada em 1945.
- WINNICOTT, D. W. A preocupação materna primária. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 399-405. Obra original publicada em 1956.
- WINNICOTT, D. W. Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro self. **O Ambiente e os Processos de Maturação**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. Obra original publicada em 1960.
- WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983. Obra original publicada em 1963.
- WINNICOTT, D. W. A integração do ego no desenvolvimento da criança. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1965/1983. Obra original publicada em 1965.
- WINNICOTT, D. W. A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. **D. Winnicott (1994/1987a)**, Os bebês e suas mães (p. 79-92). São Paulo: Martins Fontes. Obra original publicada em 1968.

WINNICOTT, D. W. A dependência nos cuidados infantis. **D. Winnicott (1988/1987a)**, Os bebês e suas mães, São Paulo: Martins Fontes. Obra original publicada em 1970.

WINNICOTT, D. W. Teoria do relacionamento paterno-infantil. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. Obra original publicada em 1970.

WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. **D. W. Winnicott (Org.)**, Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora Imago. 2000. Obra original publicada em 1978.